

AUT
SS1 15 pg

IN Ação Local. A nova política da
contemporaneidade. Ed. Agora

Augusto de Franco

1995

TEMA 10

aula 09/na

1 m

SOLIDARIEDADE E AÇÃO LOCAL

SOLIDARIEDADE COMO NOVA OPÇÃO ÉTICO-POLÍTICA

Diante da campanha promovida pela "Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida", muitos militantes de esquerda ficam incomodados. Não estaríamos caindo no assistencialismo? Não seria melhor mobilizar e organizar forças para atacar as "causas" dos problemas ao invés de tentar atenuar os seus "efeitos"?

O presente artigo pretende apresentar um novo referencial para este debate.

Em recente entrevista, concedida ao jornal "Folha de S. Paulo" (edição de 5/9/93), o sociólogo Betinho afirmou o seguinte: "Toda minha história foi de luta por mudança estrutural. A minha fé política sempre foi essa: todas as reformas estruturais vão resultar na solução dos problemas individuais. Isso sempre significou para mim a condenação de sistemas econômicos. O capitalismo produz miséria. Essa é uma convicção que eu tenho desde que nasci. Não abandonei esta convicção. Agora, o

que acontece em relação às minhas novas convicções, sem abandonar as que eu sempre tive, é de que há uma estreita relação entre conjuntura e estrutura. **Se eu não sou capaz de mudar alguma coisa aqui e agora, seguramente não serei capaz de mudar no futuro.** Toda a vitória que eu consigo hoje, por menor que seja, está criando condições para a reforma estrutural. Aquela tese de que nós tínhamos que esperar o momento da revolução não se sustenta mais. (...) Esse movimento (de Ação da Cidadania) está nos obrigando a **diferenciar solidariedade de assistencialismo...** Para mim solidariedade é um gesto ético, de alguém que quer acabar com uma situação e não perpetuá-la. Já o assistencialismo é exatamente o contrário. (...) No cristianismo, a caridade é uma virtude, não é um defeito, mas na esquerda esta noção acabou. Nos países europeus existe uma tradição de filantropia. Nos Estados Unidos, é fortíssima, são bilhões de dólares. No Brasil a gente acha que não existe filantropia séria, mas existe. Essa é uma outra descoberta. Quando, no nosso movimento, alguns caras de esquerda chegaram com as comidas doadas, quem encontraram na frente para distribuí-las? Os kardecistas. Eles têm um movimento de anos de ação filantrópica e fazem de forma espontânea e séria. Daí a importância de ligar a filantropia com a mudança, de colocar junto quem quer

27
fazer mudança estrutural com quem quer praticar a solidariedade".

O que Betinho, com muita razão, levanta, embora possa constituir novidade entre nós - partindo de alguém com militância na tradição marxista - já vem sendo afirmado, há bastante tempo, por algumas vertentes do pensamento e da prática política alternativas. Vertentes que nunca aceitaram a tese weberiana da imiscibilidade entre ética propriamente dita e política; ou melhor, entre uma ética individual, de quem quer "salvar almas", e uma ética de grupo, supostamente presidida por outra racionalidade: aquela dos interesses econômicos coletivos, da correlação de forças, da "arte da guerra", da destruição do inimigo, enfim, do poder.

Essas vertentes sempre foram minoritárias diante do "realismo político", tanto de esquerda como de direita. Todavia, com a crise dos modelos políticos e econômicos do "socialismo real" e com a crise da própria luta pelo socialismo no mundo, duas tendências se acentuam nos últimos anos.

Por um lado, temos numerosos órfãos dos modelos e das doutrinas socialistas que, outrora ultra-utópicos, hoje céticos, voltam-se para o "realismo". Habermas - quando menos por inaplicável - vai para a gaveta. Maquiavel, Clausewitz, Weber e Kelsen saem da estante para a mesa de trabalho ou para a cabeceira. Por outro lado, um

número ainda pequeno, porém crescente, de militantes, vai redescobrendo aquelas vertentes marginais do pensar e do fazer político, às quais nos referimos acima. O anarquista Kropotkin começa a ser relido (na verdade, lido) e seu conceito de "ajuda-mútua" passa a ser seriamente considerado. Theodore Roszak, teórico da contra-cultura do final dos anos 60, volta à cena com sua idéia de transformar o "sentido da realidade" das pessoas, **uma a uma**, para transformar de fato a realidade. Gandhi e a noção de *satyagraha* comparecem novamente nos debates sobre a relação entre ética e política. Thoreau e sua convicção, anti-cética, de que há uma "força de auto-propagação" no *novum ético*, mesmo que as minorias que o anunciem não logrem persuadir a maioria, encontra, tanto tempo depois, fiéis leitores.

Mas não se trata apenas de uma nova visita a antigos sonhadores. Existe também uma nova geração de pensadores políticos, alternativos demais para as academias e heterodoxos além da conta para os partidos, que começou a falar em algo que Mark Satin, ainda no final dos anos 70, chamou de "Política da Nova Era". Referimo-nos a historiadores da cultura, como William Irwin Thompson; professores de Direito Internacional, como Richard Falk; economistas "diferentes", como Schumacher e Henderson; futurólogos, como

Toffler e Laszlo; antropólogos como Luther Gerlach e Virgínia Hine; "mundiólogos", como Walker; e investigadores "de fronteira" como Marilyn Ferguson que, em 1980, no capítulo intitulado "O Poder Correto", do seu excelente "A Conspiração Aquariana", oferecia um breve inventário destas novas tendências emergentes do pensamento político.

Porém o que, afinal, toda essa gente andou falando? Por incrível que pareça algo muito semelhante ao que declarou Betinho na entrevista que citamos acima:

- Todos somos responsáveis por tudo.
- É preciso pensar globalmente, mas agir localmente.
- Só se pode propagar uma idéia (ético-política) vivendo de acordo com ela.
- O processo é também o objetivo.
- Os meios devem ser tão dignos quanto os fins.
- O que não for feito aqui-e-agora não cria um outro estado do mundo.

A grande novidade disso tudo está em que as raízes desse pensamento ético-político inovador não podem ser encontradas no utopismo profético da liberdade que fundou, em termos políticos, o que chamamos de Modernidade.

Vamos explicar melhor. A justificação moderna da democracia ideal é fruto da segunda me-